

**VIVIANE MACHADO SANTOS PEREIRA DA COSTA**

**EDUCAÇÃO: FORTE ALIADA DE UM ENVELHECIMENTO BEM  
SUCEDIDO**

**Rio de Janeiro  
2005**

**VIVIANE MACHADO SANTOS PEREIRA DA COSTA**


**EDUCAÇÃO: FORTE ALIADA DE UM ENVELHECIMENTO BEM  
SUCEDIDO**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia, orientada pelo professor Sul Brasil.

**Rio de Janeiro**  
2005

Dedico este trabalho à  
minha avó, a qual foi minha  
inspiração para a escolha do  
tema, e aos meus pais, por todo o  
esforço que fizeram para que eu  
estudasse numa universidade  
pública.

Agradeço a Deus, por não me deixar desanimar perante os obstáculos, ao meu namorado, pela força constante, e ao meu professor orientador Sul Brasil, por me acolher e ajudar sem medir esforços.



...Bem-aventurados os que me  
ajudam a atravessar a rua e não  
lamentam o tempo que me  
dedicaram...  
(Oração do Idoso)

Angela Oliveira

## RESUMO

Ao longo do século XX, em praticamente todo o mundo, o aumento do contingente de idosos nas populações suscitou o aparecimento de novas maneiras de encarar a velhice. Sob a influência do progresso social que se refletiu em aumento da duração da vida e na melhoria da qualidade de vida, aos poucos foi sendo revisto o conceito clássico, segundo o qual o avanço da idade é algo negativo em si mesmo. A velhice, aos poucos, passou a ser vista também como um momento da vida no qual se pode viver com prazer, satisfação, realização pessoal, de maneira mais madura e também produtiva. Em face dessa nova visão, passaram a ser buscadas novas posturas de atendimento e de oferta de serviços e de atividades ao idoso, compatíveis com as novas imagens do envelhecimento. Em vários países, inclusive no Brasil, as instituições têm desempenhado essa função por meio de programas voltados para a educação permanente de adultos maduros e idosos. Tendo como pressuposto a noção de que a atividade promove a saúde, o bem-estar psicológico e social e a cidadania dessa clientela genericamente chamada de terceira idade, esses programas oferecem oportunidades para participação em atividades intelectuais, físicas e sociais. A formação de qualquer indivíduo, para viver e ser capaz de atuar na sociedade do conhecimento, não pode deixar de entender a aprendizagem como uma atividade contínua, que se estende ao longo da vida. Este trabalho objetiva dimensionar a complexidade que a educação da terceira idade alcançou em nossa sociedade. É uma reflexão crítica e alternativa sobre os fundamentos pedagógicos dessa educação nas instituições. Procura superar a visão simplista que se mantém em muitos currículos existentes. Nesse sentido, é apresentada uma proposta preliminar de ensino para produzir arte ou ciência, considerando o educando como um receptor ativo, como capaz de compreender criticamente a realidade social.

**Palavras-chave:** Educação, terceira idade, inclusão social.

## ABSTRACT

Through the century XX, in practically all the world, the increase of elderly's contingent in the populations caused the appearance of new ways to confront the old age. Under the influence of social progress, which was reflected in the increase of the life duration and in the quality improvement, gradually it was being seen again the classic concept according to what the age advance is something negative in itself. The old age, gradually, started to be seen also like a moment of the life in which it can be lived with a pleasure, satisfaction, personal fulfilment, in a more mature way and also productive. For this new view, it started to be searched new postures of service and of services offer and of activities to the elderly, compatible with the new images of getting older. In several countries, including in Brazil, the institutions have performed this function through programmes geared towards the permanent education of mature adults and elderly. Having like presupposed the notion that the activity promotes the health, the psychological and social well-being and the citizenship of this group generically called third age, these programmes offer opportunities for the participation in intellectual, physical and social activities. The education of any individual to live and be able to act in the society of knowledge may understand the learning like a continuous activity, extending over the life. This work has the objective of sizing up the complexity that the education of third age reached in our society. It's a critical an alternative reflection about the educational foundations of this education in the institutions. It's tried to overcome the simple view which is kept in many existing curriculums. For this sense, it's presented a preliminary proposal of teaching to produce art or science, considering the student like an active receiver, like capable of understanding critically the social reality.

**Key-words :** Education, third age, social inclusion.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1 A TERCEIRA IDADE E SUA COMPLEXIDADE.....</b>	<b>11</b>
1.1 A origem do termo “Terceira Idade”.....	11
1.2 Uma reflexão sobre Estar na Terceira Idade.....	13
1.3 A Terceira Idade nos tempos atuais.....	17
1.4 Crescimento da população idosa da década de 60 até hoje.....	19
<b>2 QUALIDADE DE VIDA NA TERCEIRA IDADE .....</b>	<b>23</b>
2.1 A Teoria de Seletividade Sócio-emocional (TSS) e a Velhice.....	23
2.2 Qualidade de Vida na Terceira Idade.....	24
2.3 Envelhecimento Satisfatório e Bem-estar Subjetivo.....	27
2.4 Viver bem a longevidade.....	29
2.5 A Religiosidade e o Suporte Social.....	30
<b>3 ASPECTOS SOCIAIS E EDUCACIONAIS NA TERCEIRA IDADE.....</b>	<b>31</b>
3.1 Velhice Bem Sucedida e Educação.....	31
3.2 Gerontologia, Educação e Interdisciplinaridade.....	36
3.3 Gerontologia Educacional.....	38
3.4 Universidade Aberta à Terceira Idade.....	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>46</b>



**Lista de Gráficos:**

**Gráfico 1:** Brasil – Estrutura Etária Proporcional – 1940-1970.....página 21

**Gráfico 2:** Brasil – Estrutura Etária Proporcional – 1970-19910.....página 22

## INTRODUÇÃO

O envelhecimento de homens e mulheres, sua significação social e importância econômica e política, no presente século, constituem desafios prementes enfrentados por políticos, administradores de empresas, médicos, gerontólogos e educadores do mundo inteiro. As sociedades modernas escondem preconceitos de muitos matizes e perpetuam essas discriminações de forma, muitas vezes, insidiosa, além de alimentar a desvalorização de minorias étnicas, raciais, de sexo e de pessoas idosas.

O processo de envelhecimento populacional é uma das características importantes do mundo atual, uma verdadeira revolução demográfica e epidemiológica que, no Brasil, vem acontecendo desde o início do século. Os fatores responsáveis pelo crescimento da população idosa estão relacionados ao declínio das taxas de fecundidade e mortalidade, contribuindo para a ampliação da expectativa de vida. Esse processo dinâmico no comportamento populacional está intrinsecamente ligado à melhoria das condições de vida, de educação e de atenção à saúde. (PASCOAL, 2002).

De acordo com Silva:

O crescimento da população idosa, por sua vez, modifica o perfil sócio-demográfico-cultural, suscitando uma série de previsíveis conseqüências econômicas, sociais, culturais e epidemiológicas, para as quais a sociedade ainda não está estruturada. Trata-se de uma nova experiência em nossa qualidade e sua compreensão se constitui num desafio para os cientistas sociais, já que as transformações da estrutura populacional não têm sido acompanhadas por políticas sociais correspondentes. (SILVA, 1996, p.65).

Desta forma, compreende-se que o envelhecimento está contextualizado em múltiplas dimensões: a biológica, a sócio-econômica, a cultural, a política e a demográfica. Diante desse quadro questiona-se: que indivíduo é esse que se encontra submetido a essas

transformações relacionadas às dimensões biopsicossociais e culturais? E ainda: é possível melhorar as condições de existência e a qualidade de vida do crescente número de idosos?

Quando alguém da terceira idade volta aos estudos, Jordão Netto (1997) salienta:

(...) um resgate efetivo da possibilidade de centenas de pessoas de retomarem ou iniciarem seus estudos, de reciclarem seus conhecimentos, de atualizarem suas informações, de participarem de atividades sócio-culturais e educativas, dentro de uma extraordinária proposta pedagógica que privilegiaria o prazer de aprender de uma forma livre, espontânea (JORDÃO NETTO, 1997, p.214).

É recente a preocupação de algumas instituições em construir projetos educacionais que incluam os idosos. Estas instituições constituem uma nova opção de participação do idoso, possibilitando a satisfação de muitas de suas necessidades. Ao promover a integração entre as gerações, ou a divulgação de novas imagens da velhice, faz-se presente o sentido de valorização da experiência de vida dos alunos, favorecendo condições de convivência social e formação de novos grupos e associações.

Ao refletir sobre esta população, as instituições podem retornar a uma séria e necessária reflexão sobre as ações benéficas, os meios para obtê-las, os efeitos e os objetivos, com a finalidade de corresponder às expectativas de seus participantes e de favorecer a aplicação por outras instituições.

Este estudo pretende demonstrar a importância da educação na terceira idade nas instituições, demonstrando seus objetivos e benefícios que podem trazer para a qualidade de vida desta população. Também visa demonstrar que o idoso deve aprender a cuidar de sua própria existência no mundo, com os outros.

## 1 A TERCEIRA IDADE E SUA COMPLEXIDADE

Este capítulo busca falar do aumento da população da Terceira Idade no Brasil e qual a realidade enfrentada por esta população.

### 1.1 A origem do termo “Terceira Idade”

Lembra-se que o envelhecimento está contextualizado em múltiplas dimensões: a biológica, a cronológica, a socioeconômica, a cultural, a política e a demográfica. Carvalho Filho (2002) ressalta:

O que se observa atualmente em todo o mundo, traduz-se não só em maior número de problemas médicos crônicos e degenerativos, mas, fundamentalmente, em necessidades sócio-econômicas. Assim, os cuidados que necessitam os velhos não se reduzem à assistência médica, mas abarcam também medidas do amparo social e econômico (CARVALHO FILHO, 2002, p 11).

O grande desafio de um futuro próximo será compreender que o envelhecimento não pode mais ser enfrentado como uma questão restrita à esfera privada e, portanto, de responsabilidade individual, mas requer ações de responsabilidade coletiva, tanto por parte do Estado como das organizações não governamentais e da própria sociedade.

Veras (1997, p.7) afirma que: "para fazer frente a este incremento do número de idosos, será necessário investir em várias frentes; há que se desenvolver alternativas de assistência, gerar conhecimento que sejam inovadores, que tragam novas respostas às demandas sociais."

Hoje, verifica-se que há muitas medidas colocadas em prática por entidades representativas da sociedade. Crescem, nas grandes cidades, núcleos preocupados em criar atividades que visam integrar os idosos ao meio, à sociedade e buscam o atendimento às suas

múltiplas necessidades de atenção à saúde. Observa-se um aumento de profissionais intensamente interessados em planejar ações e discutí-las em entidades que têm a finalidade de defender e implementar os programas de atenção ao idoso.

Ao mesmo tempo em que o contingente de idosos aumenta no Brasil, ganham força os estudos sobre o envelhecimento em novos moldes, por parte dos pesquisadores de diferentes áreas. Aos poucos, a visão biológica da velhice perde o seu papel de destaque, reforçando o fenômeno da velhice em seus aspectos sócio-político-econômicos.

Assim sendo, é válido salientar os estudos de DEBERT (1994), que valorizam a velhice e a consideram como um momento privilegiado da vida, quando a realização pessoal, a satisfação e o prazer encontram o seu auge, não sugerindo o avanço da idade como algo negativo em si mesmo.

Diante desta nova visão, consagra-se, com rapidez, a expressão "terceira idade", que justifica essa nova sensibilidade em relação à velhice. Este novo termo cria novas representações sociais sobre o processo de envelhecimento, busca também uma nova postura de atendimento e de propostas de atividades ao idoso, com o objetivo de aprimorar sua qualidade de vida.

O termo terceira idade surgiu na França, através da política de integração da velhice, que visava modificações político-administrativas, assim como a transformação da imagem das pessoas envelhecidas (MORAES, 2000 apud PESSOA, 2005, p.43). Os novos aposentados começaram a reproduzir práticas sociais das camadas médias assalariadas, o que destoava com o antigo conceito de que aposentadoria estava vinculada à velhice, que, por sua vez, significava decadência.

Foi então que surgiu a necessidade de se criar um novo vocábulo que designasse mais respeitosa a representação dos novos aposentados: terceira idade, sinônimo de envelhecimento ativo e independente. A terceira idade se converteu em uma nova etapa da

vida, em que a ociosidade simboliza a prática de novas atividades sob o signo do dinamismo.

Ainda segundo Moraes (2000, apud PESSOA, 2005, p.45), o Brasil é um país onde reinam a desnutrição, o analfabetismo, o desemprego, a habitação precária e tantas outras misérias. E também há a velhice, que tampouco entra na lista de ações políticas. O termo terceira idade é fundamentalmente empregado nas proposições relativas à criação de atividades sociais, culturais e esportivas.

Idoso simboliza, sobretudo, as pessoas mais velhas, os velhos respeitados, enquanto terceira idade designa principalmente os jovens velhos, os aposentados dinâmicos. A terceira idade passa, assim, a ser a expressão classificatória de uma categoria social bastante heterogênea, onde essa noção mascara uma realidade social em que a heterogeneidade econômica e etária é muito grande.

Para Novaes (2000 apud PESSOA, 2005, p.47), não se pode falar da terceira idade como uma entidade isolada, uma doença, o término e o fim, pois, embora a própria sociedade registre marcas e sinais nítidos como a aposentadoria compulsória e o seguro social para pessoas idosas, assinalando a chegada de tal etapa, as experiências do envelhecimento, propriamente dito, e as perdas podem aparecer bem mais tarde do período sinalizado pela sociedade.

## **1.2 Uma Reflexão sobre Estar na Terceira Idade**

“Ser velho” permanecerá um complexo questionamento e um real desafio para as sociedades modernas. Quer seja no contexto dos estudos demográficos, sociais ou econômicos, quer no contexto dos processos biológicos, psicológicos e valorativos, o estudo do envelhecimento é, mais do que nunca, um problema da contemporaneidade, num mundo que impõe aos homens ritmos biológicos e tecnológicos cada vez mais alucinantes, ao mesmo

tempo que abre novas perspectivas à sua longevidade.

Sobral (2001, p.1) relata em suas palavras: "Ser idoso, desvelado/revelado. Esse o coroamento de qualquer trajetória existencial e, principalmente, se for a pessoa na terceira idade..."

Em relação ao termo idoso, várias literaturas afirmam que não existe uma definição única sobre o conceito de velhice ou de idoso, isto porque:

(...) não existe um consenso sobre o que se chama de velhice, porque as divisões cronológicas da vida humana não são absolutas e não correspondem sempre às etapas do processo de envelhecimento. Isto é, a velhice não é definível por simples cronologia, senão – e melhor! – pelas condições físicas, funcionais, mentais e de saúde das pessoas analisadas (PASCHOAL apud TEIXEIRA, 2002, p.14).

Nas sociedades ditas modernas, a velhice é, muitas vezes, entendida como problema social ou ainda um processo de perda de papéis como profissional ou familiar, tendendo a levar ao isolamento social. Muitos autores já concentraram esforços para debater a representação social dos velhos. Pereira (1996, p.188) destaca que "só não envelhecerá aquele que morrer precocemente." Entretanto, o viver implica "perdas e ganhos" e, como processo que se dá num contínuum, o envelhecimento vai deixando seqüelas negativas, tanto na forma quanto no funcionamento desse corpo.

Pensar e mostrar a velhice de um ponto de vista antropológico, como sendo uma construção social, traz, segundo a autora, elementos para a politização de debates sobre questões indissolúveis ligadas ao envelhecimento.

Pensar na variedade de como – socialmente e historicamente – o envelhecimento foi e é concebido será mais um ponto de uma problematização sobre a qual aqui também se propõe refletir, em busca de se traçar o panorama de delineamento contemporâneo da experiência da percepção e da enunciação do envelhecimento.

Segundo Teixeira (2002):

O envelhecimento, na atualidade, é um fato que não pode mais ser contestado. As pessoas estão vivendo cada vez mais tempo, provocando um aumento da população acima dos 60 anos. O fato de se estar envelhecendo, de modo tão acelerado, traz transformações nos valores éticos, estéticos e no modo como se percebe o processo de envelhecer (TEXEIRA, 2002, p. 13).

Para um entendimento amplo do envelhecimento, a preocupação da sociedade contemporânea é um “falso resgate da velhice”. Os “rótulos” de incapacidade e ausência de papéis sociais são dados aos velhos independente de sua capacidade produtiva, cujo parâmetro é o modelo socialmente criado.

O velho para a sociedade moderna não é mais a sua história. Se o envelhecimento, por um lado, é um processo de perdas, na velhice, por outro, é possível conservar as competências e habilidades intelectuais, bem como do funcionamento do ego, permitindo por meio da acumulação de experiências alcançar elevado grau de especialização e domínio: “narrar, interpretar o passado e analisar o presente à luz da experiência”.

Há que se considerar, no entanto, que no contexto moderno, a valorização não é dada à experiência e sabedoria, mas sim ao tempo de duração, onde o moderno é a busca do novo, da curta duração. Assim, pode-se aqui arriscar a reflexão, ainda de maneira modesta, que o envelhecimento que é vivido e sentido pelas pessoas não é o individual, mas sim aquele definido, elaborado e expresso pela sociedade e somente depois incorporado pelo sujeito na condição de velho.

O sentimento de velhice passa pela imposição social na contemporaneidade e pela experiência que vai além do pessoal: a idade é aquela que o outro vê. Parafraseando Motta (1998, p.228) “a velhice é um choque que primeiro chega pelos olhos dos outros”.

Entender o envelhecimento e o lugar da velhice e permitir ao velho que ele próprio se reconheça em sua bagagem de experiências vivenciadas – individuais ou coletivas – em sua história de vida, em suas marcas do corpo, torna-se muito maior que meramente a demarcação de temporalidades.



Em relação ao envelhecimento, Teixeira (2002, p.17-18) destaca três padrões, a saber:

- Envelhecimento primário, ou envelhecimento fisiológico, que é universal e progressivo. Não é uma doença, é apenas um fenômeno, que acontece com todos os seres vivos. É influenciado por múltiplos fatores, como: educação, estilo de vida, estresse, alimentação e exercícios físicos. Os indicadores deste fenômeno são os cabelos brancos, as rugas, a flacidez muscular e os déficits sensoriais.

- Envelhecimento secundário ou patológico, na medida em que foge do processo fisiológico normal do envelhecimento. É o envelhecimento associado a doenças orgânicas, como: esclerose múltipla, doenças cardiovasculares, demências, câncer e outras patologias, que apresentam uma probabilidade maior de ocorrência com o aumento da idade.

- Envelhecimento terciário ou terminal, por estar relacionado a um grande aumento nas perdas físicas e cognitivas num período de tempo relativamente curto. É reconhecido como o ponto final das doenças terminais, em qualquer idade.

Seguindo-se esta linha de pensamento, pode-se definir envelhecimento como o momento em que o indivíduo já atingiu a maturidade, almejada enquanto virtude, ou seja, “um adulto é considerado adulto quando atinge certo grau de excelência, tido como valioso pelos semelhantes e por ele próprio”(Neri apud Teixeira, 2002).

Dessa forma, vê-se que para se pensar no desenvolvimento de uma autonomia na velhice, é necessário também se pensar em uma rede de relações sociais, que favoreça o desenvolvimento de laços afetivos. Aborda-se-á a questão do grupo de idosos, como apoio social, mais adiante nessa discussão. Antes, é preciso, porém, abordar a forma como a psicologia do envelhecimento trabalha a autonomia e independência.

### 1.3 A Terceira Idade nos tempos atuais

A velhice, enquanto etapa particular de vida, nasceu com o surgimento da sociedade industrial, constituída por trabalhadores que possuíam como único capital a própria força de trabalho. Assim, aquele que alcançava certa idade perdia o reconhecimento e a oportunidade de assegurar seu espaço na sociedade. Passava a ser visto como um ser improdutivo e era socialmente segregado. Como afirma Carbone (1999, p.28), “o envelhecimento passa a ser sinônimo de degeneração e decadência.”

Teixeira (2002) diz que o envelhecimento:

(...) se constitui como um grande paradoxo humano, já que ninguém quer ficar velho, muito menos, morrer. Entretanto, se não morremos, envelhecemos. Assim, o envelhecimento deve ser visto como uma conquista. Mas, as pessoas não querem envelhecer nem ficar dependendo dos outros para tomar decisões e desempenhar atividades cotidianas (TEXEIRA, 2002, p. 99).

A sociedade atual foi marcada pelo preconceito que temos a respeito da idade avançada. Muito se conhece e se estuda sobre os declínios advindos nessa fase da vida, sejam eles físicos, psicológicos e familiares. Paralelamente, dá-se a chegada da aposentadoria, do direito ao repouso remunerado e ao descompromisso social.

Uma das maiores preocupações é a ocupação do tempo livre, o aproveitar a liberdade adquirida e transformá-la em ganhos pessoais. Vencer as barreiras do preconceito, dos estigmas e das repreensões individuais forma um grande desafio para estes adultos e para entidades e instituições que buscam resgatar as potencialidades adormecidas.

Não se pode ignorar a necessidade de se formular um projeto de vida, no qual são requeridos objetivos e planos. Desejos e sonhos impulsionam o ser humano a prosseguir e a escolher determinados caminhos para a vida. Sem isso, o indivíduo permanece na situação de mero espectador de sua própria vida, sendo levado conforme o vento quiser. E isso ocorre com muitos adultos da terceira idade.

Ele é considerado, como afirma Hernandez (2000, p.7), “alguém que observa o tempo passar, que fica de fora do movimento, está inserido na estabilidade, acomodação e conservação.” Muitas vezes, ele mesmo se exclui do direito de ter sonhos, por acreditar que isso demanda um longo prazo, muito distante das suas reais possibilidades. Porém, sabe-se que tais visões são estigmas construídos em tempos diferentes e que permanece nas relações entre gerações. Lopes (1998) enfatiza que:

(...) despertar e reforçar a sensibilização para a elaboração de um novo projeto de vida de uma nova estruturação do tempo ocioso, de uma determinação do espaço político e social implica um olhar para o passado. Para isso precisamos propiciar atividades em que as pessoas possam falar do agora, e isso remete a uma história passada, para poder pensar num projeto de vida futura (LOPES, 1998, p. 31).

Muitos adultos da terceira idade estão procurando alternativas para permanecerem ativos, desenvolverem habilidades para saírem da rotina na qual se encontram. Não deve ser ignorada a realização de alguma tarefa que ocupe o tempo livre e desperte o interesse, trazendo a sensação de alegria e de entusiasmo. O significado das atividades culturais pode se tornar um grande antídoto para o isolamento social e a depressão. Participar de grupos que visam ao desenvolvimento de potencialidades será de enorme importância.

Em tempos atrás, era creditado à terceira idade um grande trunfo: o fato de ser depositário de conhecimentos acumulados. Para Cortella (1998, p.12), o conhecimento acumulado foi importante em alguns momentos, e hoje perdeu, em grande parte, essa importância. A valorização do novo, informado e atualizado prevalece em todos os âmbitos da vida do ser humano, e quem não for possuidor desse adjetivo é desvalorizado perante a sociedade.

É estimulador poder vencer as limitações do corpo e da mente num espaço totalmente diferenciado, onde o outro pode estar a milhares de quilômetros de distância, e onde dominar todas as emoções advindas deste novo contexto pode servir de auxílio na promoção da saúde psicoemocional.

#### 1.4 Crescimento da população idosa da década de 60 até hoje

O processo de envelhecimento da população brasileira, manifestadamente visível nos anos 90, quando a generalizada queda da fecundidade, iniciada nos anos 60, se traduz em uma diminuição absoluta no contingente de menores de 5 anos de idade, é um dos mais rápidos processos de envelhecimento populacional observável no atual conjunto dos países mais populosos do mundo (MOREIRA, 2005, p.1).

Como a taxa de fertilidade nos anos 60 era maior do que a atual, temos hoje a base da pirâmide populacional menor do que há algumas décadas passadas, indicando que a proporção de crianças está decrescendo de um lado e, do outro, a faixa adulta aumentando.

Em 2020, a coorte<sup>1</sup> nascida na década de 60 será a responsável pela pressão no topo da pirâmide populacional, dando-lhe um aspecto mais retangular, caso se mantenha a tendência de baixo índice de fecundidade.

De acordo com Augusto e Barbieri (2005, p.1): "De 1960 para cá, o grupo com mais de 60 anos foi o que mais cresceu proporcionalmente no Brasil."

O crescente envelhecimento da população brasileira pode ser analisado sob os seguintes fatores: se, por um lado, a esperança de vida tem aumentado principalmente devido ao avanço tecnológico da medicina, por outro, a taxa de natalidade, bem como as taxas de mortalidade e fecundidade, diminuíram na última década. Dessa forma, temos um número de nascimentos praticamente igual ao número de óbitos.

Moreira (2005) destaca que:

Do ponto de vista demográfico, uma população envelhece quando a taxa de

---

<sup>1</sup> coorte - termo que define uma parte da população com características comuns para efeito de análise - assim, todas as pessoas nascidas em um mesmo ano, na mesma localidade, sofrerão as mesmas influências do mesmo ambiente. Esse termo é usado em Epidemiologia.

crescimento da população considerada idosa é superior à da população jovem por um período sustentado de tempo. Como decorrência modifica-se a estrutura etária, aumentando a participação relativa dos idosos no total da população, amplia a razão entre a população idosa e a jovem e a idade média da população incrementa (Moreira, 2005, p. 1).

O rápido processo de envelhecimento da população brasileira está intimamente associado à velocidade com que a fecundidade das mulheres brasileiras declina ao longo do tempo.

A simples análise dos gráficos da distribuição etária da população brasileira no período 1940-1970, quando os níveis de mortalidade nacional declinavam rapidamente e a fecundidade se mantinha praticamente estável, mostra que a composição etária da população brasileira pouco se modificou neste período de intensa queda da mortalidade.

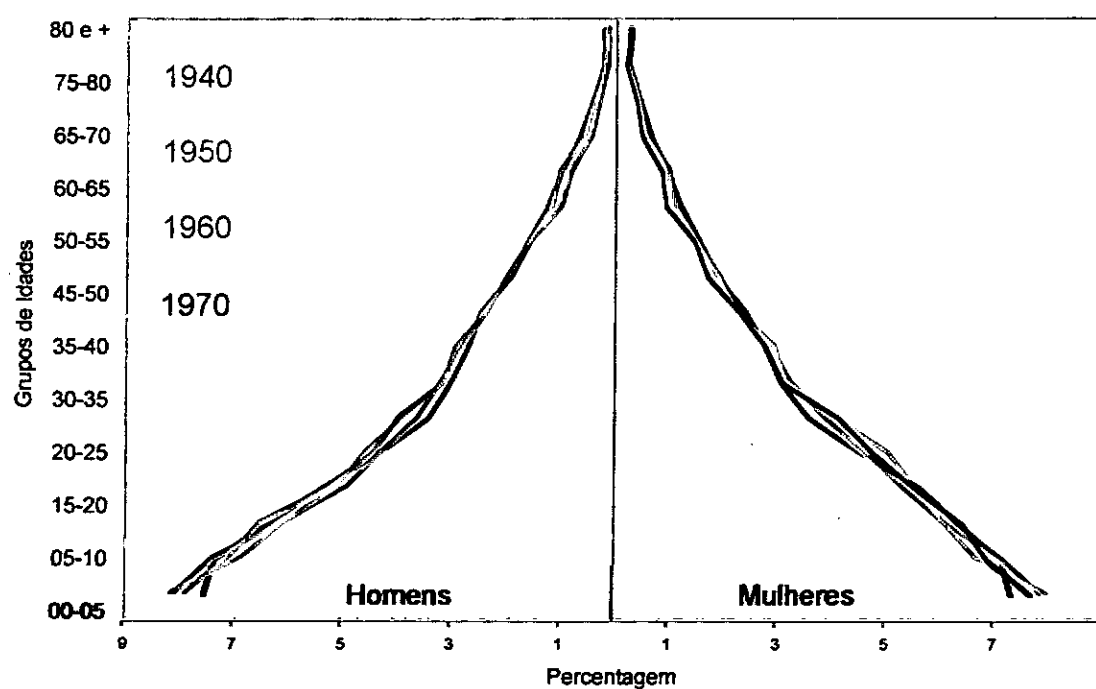
Em contrapartida, a partir dos anos 90, quando as novas gerações nascidas sob níveis de fecundidade declinantes adentram a idade reprodutiva e passam a determinar o número de nascimentos a cada ano, é expressiva a modificação na estrutura etária da população brasileira.

No Gráfico 1, a seguir, são apresentadas as distribuições etárias proporcionais da população brasileira no período 1940-1970, onde fica clara a similitude entre as mesmas, a despeito da queda da mortalidade observada no período.

Neste período, as pirâmides etárias têm a conformação típica das populações com altas taxas de crescimento, resultantes de elevadas taxas de mortalidade, mas que são amplamente superadas pelas mais do que proporcionalmente altas taxas de natalidade.

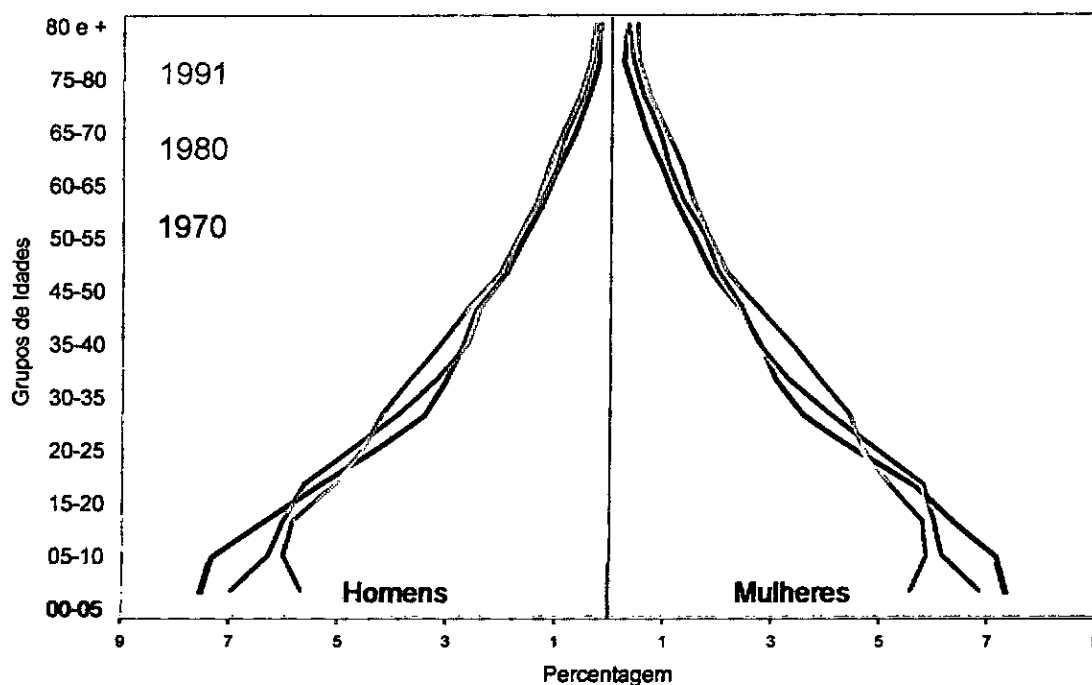
Para contrastar com a relativa estabilidade das estruturas etárias no período anterior a 1970, no Gráfico 2 são apresentadas as distribuições etárias proporcionais da população brasileira no período 1970-1991, no qual fica evidente o impacto da redução da fecundidade iniciada nos meados da década de 60 e que resulta em um estreitamento da base da composição etária de 1991.

Este movimento se transformará em uma onda que se propagará na estrutura etária futura, e quando atingir as idades reprodutivas, combinada com a eventual continuidade da redução dos níveis de fecundidade, acelerará o movimento de envelhecimento, pela base, da população brasileira.



**Gráfico 1:** Brasil – Estrutura Etária Proporcional – 1940-1970

**Fonte:** IBGE. Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960, 1970 *apud* Moreira (2005).



**Gráfico 2:** Brasil – Estrutura Etária Proporcional – 1970-1991  
**Fonte:** IBGE. Censos Demográficos, *apud* Moreira (2005).

As implicações sociais do crescimento da população idosa afetam diretamente a razão de dependência, mesmo com a participação de quase um quinto do contingente de idosos engajados na atividade econômica do país. Mesmo havendo, com o desenvolvimento etário, diminuição das taxas de participação na força de trabalho, existem dados que mostram que a razão de dependência será, em 2020, de 11 pessoas dependentes em idades mais avançadas para cada 100 pessoas em idade de trabalhar (BERQUÓ, 1999).

Em relação ao mesmo critério razão/dependência dos jovens de menos de 15 anos, em 2020, para cada 100 pessoas em idade de trabalhar existirão 34 menores de 15 anos para sustentar. Destaca-se que, a continuar a queda da fecundidade, o Brasil terá uma razão de dependência declinante, o que dará melhores condições para a implementação de políticas públicas.

O diferencial por sexo entre os idosos na população brasileira apresentou, desde 1940, um declínio no que diz respeito à proporção entre homem e mulher. Por exemplo, nesse ano, para cada 100 mulheres de 65 anos havia 83 homens na mesma faixa etária; em 1960, o número de homens chegou a 94 e, a partir de 1960, retornou aos índices de 1940 e se manteve, conforme os Censos Demográficos de 1940 a

1991, da Fundação IBGE (BERQUÓ, 1999, p.23).

As mulheres brasileiras, desde 1950, têm atingindo maior tempo de vida comparativamente à população masculina. A diferença, a partir de 1991, tem sido em torno de 6 e 7 anos em favor da mulher. Calcula-se para 2010 e 2020 que a diferença se mantenha em torno de 6 anos.



## 2 QUALIDADE DE VIDA NA TERCEIRA IDADE

### 2.1 A Teoria de Seletividade Sócio-emocional (TSS) e a Velhice

A Teoria de Seletividade Sócio-emocional (TSS), segundo Carstensen (1992 apud Neri 1995, p.112), enfatiza as mudanças que ocorrem nos comportamentos sociais dos indivíduos na velhice, à medida que vão envelhecendo, mas se fala também que ele se torna seletivo em relação às pessoas, às emoções e às relações interpessoais no contexto do ambiente em que vive.

Quando jovem, a busca de informações necessárias para a construção de aspectos formais de sua vida faz com que ele procure novos contatos, aumentando e incrementando sua rede social. À medida que esse referencial está pronto e estruturado, e ele mais velho, a necessidade de novas informações vai dando espaço para a busca de contatos sociais que lhe permitam mais trocas afetivas do que informações.

Da mesma maneira, a diminuição dos parceiros sociais parece combinar com o estereótipo de que o velho vai-se afastando do convívio social, na verdade, mostra que essa redução de contatos é adaptativa, isto é, a redução de atividades para o idoso é consequência da própria diminuição na intensidade e variedade de sua atividade social.

A emoção, vista como um fator social também diminuindo na vida do idoso, é outra afirmação equivocada. Estudos feitos sobre a relação entre os baixos níveis de excitação autonômica e a diminuição da importância da emoção na vida dos idosos conforme Malatesta e Kalnok (1984, apud NERI, 1995, p.136), indicaram que as pessoas idosas se percebem possuidoras de maior controle sobre suas informações, além de experienciá-las de forma mais rica e mais complexa do que no passado.

A Teoria da Seletividade Sócio-emocional afirma que entre os motivos sociais

mais importantes na velhice estão a experiência e o ajuste emocional. Para um indivíduo jovem é salutar formular objetivos a longo prazo quanto à carreira e amigos, e, embora exposto a conflitos envolvendo perdas e ganhos, é adaptativo não regular muito os estados emocionais, já que os benefícios a longo prazo relacionam-se a novas amizades, nem em expor-se diante de situações potencialmente aversivas. Dessa maneira, é mais adequado impor metas sociais mais próximas, bem como uma regulação da emoção, visando ganhos maiores.

Em síntese, o que as teorias e os estudos têm demonstrado é que, para que tenha um envelhecimento bem sucedido, o indivíduo precisa de um conjunto de elementos que devem ser considerados. Entre eles, estão: a plasticidade individual, cuja programação genética lhe garanta um envelhecimento com saúde, e a social, construída e reforçada pela noção de que ele é importante e amado pelas pessoas de sua rede social; os aspectos econômicos, que lhe permitem fazer frente a gastos com doenças, médicos, cirurgias, bem como desfrutar do lazer a que ele tem direito após anos de vida de trabalho, e, finalmente, a sua adaptação através da educação permanente, que lhe permite novos conhecimentos e oportunidades como suporte para buscar o seu bem-estar físico e emocional.

## **2.2 Qualidade de Vida na Terceira Idade**

A qualidade de vida dos idosos, mais que em outros grupos etários, sofre a influência de múltiplos fatores físicos, psicológicos, sociais e culturais. De acordo com a OSM (1991, apud TESSARI, 2005, p.1), "a qualidade de vida na Terceira Idade pode ser definida como a manutenção da saúde, em seu maior nível possível, em todos aspectos da vida humana: físico, social, psíquico e espiritual."

Conceituar "qualidade de vida" é uma tarefa difícil porque cada um de nós tem a impressão de que já sabe o que esta expressão quer dizer, ou quando não, sente o que ela

exprime. Isto se deve, provavelmente, ao fato de se tratar de um conceito que remonta à Antiguidade e de ter sofrido, ao longo da História, várias transformações em seu sentido.

Como sintetiza Buarque (1993, p.157), “talvez nenhum conceito seja mais antigo, antes mesmo de ser definido, do que ‘qualidade de vida’. Talvez nenhum seja mais moderno do que a busca da qualidade de vida”.

De fato, a qualidade de vida e a busca pela melhoria da qualidade de vida é uma procura incessante do ser humano. Ao se afirmar isto, está se partindo da idéia de que uma das características fundamentais da nossa espécie – o que provavelmente nos diferencia dos demais animais – é a eterna necessidade de querer viver bem, de constantemente vislumbrar novas condições para melhoria do cotidiano, de tentar superar as condições mais adversas por outras um tanto melhores, mesmo que esta tentativa possa ser vista pelas demais pessoas como inexpressiva.

Apesar de toda essa preocupação e da veiculação cada vez mais rápida de informações acerca do envelhecimento normal e patológico, ainda há muitos problemas a serem resolvidos. O momento atual é caracterizado pela transição demográfica, pelo aumento da expectativa de vida ao nascer e pelo rápido envelhecimento populacional, fenômenos que levam ao aumento do número de idosos, mas, no caso do Brasil, sem a equivalente adequação dos recursos destinados à saúde.

Conforme Freire (2001):

O grande desafio, portanto, é criar condições, acessíveis a todas as pessoas, independentemente do nível socioeconômico e cultural, para um envelhecimento saudável do ponto de vista bio-psico-social. Afinal, o envelhecimento sadio da população é uma meta natural de qualquer sociedade em desenvolvimento (FREIRE, 2001, p. 3).

Os profissionais das áreas de Gerontologia, Psicologia e Educação também têm importante papel na busca dos fatores determinantes do envelhecer bem e, principalmente, na divulgação dos conhecimentos acerca das ações para prevenir o desajustamento, a doença, a

incapacidade.

Freire (2001):

É necessário determinar formas de intervenção baseadas nas mudanças esperadas, nas esferas biológica, afetiva e cognitiva, para apoiar e manter o bem-estar e a qualidade de vida apesar dos decréscimos ligados ao envelhecimento. As necessidades evolutivas dos idosos requerem um foco não só sobre crescimento e mudança, como também sobre a manutenção do controle de sua vida, sobre o combate dos efeitos do processo de envelhecimento (FREIRE, 2001, p. 4).

Nesse contexto de busca de conhecimento acerca do envelhecer bem se insere o presente estudo, que focaliza aspectos importantes da vida adulta e da velhice, quais sejam, as metas pessoais de vida e o bem-estar subjetivo, este avaliado pela satisfação com a vida, uma dimensão cognitiva. Está baseado no pressuposto de que há relações significativas entre os diferentes tipos de metas pessoais e o nível de satisfação com a vida de homens e mulheres de diferentes faixas etárias.

Em geral, as pessoas estabelecem metas de vida a serem atingidas a curto, médio e longo prazo, metas relacionadas a domínios como realização profissional, autonomia, manutenção da própria saúde ou de contatos sociais significativos e, à medida que envelhecem, estabelecem novas metas ou alteram os investimentos que fazem para alcançar as que haviam estabelecido anteriormente.

As metas pessoais, carregadas de importância e afeto, constituem uma variável importante para a compreensão do comportamento humano e são consideradas pelos pesquisadores como um dos componentes da saúde mental e do envelhecimento bem sucedido e como tendo forte influência sobre o bem-estar psicológico ao longo de toda a vida, em particular na velhice.

A avaliação da qualidade de vida na meia-idade e na velhice está relacionada a vários critérios de natureza social, biológica, cultural e psicológica, como os apontados por Neri (2000):

(...) longevidade, saúde biológica, saúde mental, satisfação, controle cognitivo, competência social, produtividade, atividade, eficácia cognitiva, status social, renda, continuidade de papéis familiares e ocupacionais e continuidade de relações informais em grupos primários. Cada um desses indicadores tem um determinado grau de importância para cada pessoa que está vivenciando a meia-idade e velhice, ou seja, podem estar associados a diferentes graus de satisfação, em virtude de diferentes vivências, emoções, valores e histórias de vida (NERI, 2000, p.67).

Uma velhice bem sucedida ou uma velhice normal depende não só dos indivíduos, mas também das relações entre pessoas em desenvolvimento com a sociedade em que vivem, a qual também muda ao longo do tempo.

Para que a meia-idade e a velhice sejam vivenciadas satisfatoriamente, dependerá da sociedade suprir as necessidades físicas, sociais e psicológicas do indivíduo, e dependerá da competência individual da pessoa administrar as demandas externas que estão relacionadas em seu ambiente. A competência individual está relacionada com o estar em grupo e em corresponder às expectativas de um grupo social; conseqüentemente, estas relações serão revertidas na construção e manutenção do bem-estar do indivíduo. Neste sentido, a Inteligência Emocional é importante para o indivíduo na medida que ele consegue lidar com suas emoções e com as dos outros. Esta capacidade poderá ajudar nas boas relações sociais, contribuindo para uma velhice satisfatória.

Manter o bem-estar biopsicossocial na meia-idade e na velhice é, assim, um desafio que se propõe para as pessoas e para a sociedade, e deve ser compreendido tanto a partir de um ponto de vista individual como social.

A proposição de Goleman (1995) sobre a inteligência emocional definida como competência psicossocial não tem sido testada sistematicamente na pesquisa sobre qualidade de vida na meia-idade e na velhice, possivelmente porque os termos da definição desse autor se sobrepõem a outros correntes no campo da avaliação do bem-estar psicológico e da competência comportamental dos que envelhecem.

### 2.3 Envelhecimento Satisfatório e Bem-estar Subjetivo

Quando se trata de estudar o processo de envelhecimento, frequentemente encontram-se mais referências aos aspectos negativos, como perda de papéis sociais, dificuldades de memória e doenças, do que aos ganhos a ele associados, como aumento de experiência, sabedoria e habilidade nas relações sociais. Provavelmente, isso se deve à crença comum de que perdas só ocorrem na velhice e os ganhos estão restritos às fases iniciais do desenvolvimento.

Segundo Neri e Cachioni (1999):

Com o envelhecimento populacional e o aumento da expectativa de vida sendo compartilhados por um número crescente de pessoas, nos últimos 30 anos as investigações sobre qualidade de vida na velhice, envelhecimento satisfatório ou bem-sucedido e bem-estar subjetivo tornaram-se focos da atenção dos pesquisadores preocupados em determinar os fatores que os antecedem e com quais estão associados. O envelhecimento satisfatório, um dos ideais humanos, ao lado de valores básicos como felicidade, esperança e sentido de vida, é almejado por grande número de pessoas que prevêem uma longa velhice. Isso leva à terceira idéia associada à velhice bem-sucedida (NERI e CACHIONI, 1999, p. 126).

De acordo com Neri e Cachioni (1999), na concepção de velhice bem-sucedida existem três idéias associadas. A primeira refere-se à possibilidade de realização do potencial individual para alcançar um grau de bem-estar físico, psicológico e social considerado como ideal pelo indivíduo e por seu grupo de idade, de acordo com o seu próprio julgamento, com os parâmetros dados por condições objetivas presentes e pelo julgamento de instituições acerca dessas condições.

A segunda idéia trata do funcionamento semelhante ao da média da população mais jovem. Aqui estão envolvidas as concepções sobre a preservação da juventude e o retardamento do envelhecimento comuns em muitas práticas médicas, físicas, sociais e educacionais.

Mas nessas práticas freqüentemente são esquecidas as necessidades de criar oportunidade de treinamento, capacitação e reciclagem dos adultos e idosos que estão no mercado de trabalho, de dar informações e desenvolver programas educativos para adultos e idosos envolvendo as descobertas feitas pelos pesquisadores acerca das condições e dos cuidados importantes para remediar os déficits, para manter a funcionalidade e aperfeiçoar-se em domínios diversos como capacidade física e de relacionamento, funcionamento cognitivo, para os indivíduos enfrentarem as perdas e as mudanças decorrentes do envelhecimento e lidarem com as transformações ocorridas em si mesmos e no meio em que estão inseridos.

Bem-estar subjetivo, segundo Diener e Suh :

(...) é um importante indicador da qualidade de vida de um indivíduo e refere-se à forma pela qual as pessoas avaliam suas vidas. Para os autores, este constructo possui dois componentes básicos: o cognitivo e o afetivo. O componente cognitivo está ligado às avaliações que o indivíduo faz da própria vida como um todo, como a satisfação, ou avaliações de domínios específicos da vida, como o trabalho e o matrimônio. O componente afetivo caracteriza o tipo de experiência emocional que o indivíduo pode vivenciar: experiências emocionais agradáveis, quando o indivíduo percebe que está tudo bem; desagradáveis, quando o indivíduo percebe que algo está errado em sua vida. ( DIENER e SUH apud FREIRE, 2001, p.11).

O bem-estar subjetivo, a avaliação que o indivíduo faz da sua vida em geral ou de seus domínios, tendo por base seus próprios padrões, valores e crenças, é um componente importante da qualidade de vida e do envelhecimento satisfatório. Está associado à capacidade do indivíduo para adaptar-se às perdas ligadas ao processo de envelhecimento e para recuperar-se de eventos estressantes ao longo do curso de vida (como desastres naturais, perda de entes queridos).

Para George (apud Freire, 2001, p.45), bem-estar subjetivo refere-se às percepções do indivíduo sobre a sua qualidade de vida. Segundo a autora, vários teóricos já utilizaram uma série de conceitos específicos para avaliação do bem-estar subjetivo dos indivíduos, sendo que os mais citados são a satisfação de vida, a moral e a felicidade. Estes indicadores possuem semelhanças importantes. Todos são subjetivos, referem-se a avaliações gerais da

qualidade de vida dos indivíduos e tendem a ser altamente inter-relacionados.

As pessoas idosas interagem socialmente com menor frequência que as pessoas mais jovens, mas isto não significa que a velhice é um tempo de sofrimento, rigidez e melancolia. A manutenção da educabilidade dos idosos, e de suas interações sociais, pode depender da oferta regular de oportunidades educacionais significativas, como as oferecidas pelas Universidades da Terceira Idade, que proliferam por diversos países, favorecendo o bem-estar subjetivo e, conseqüentemente, contribuindo para melhor qualidade de vida dos adultos maduros e idosos que as procuram.

#### 2.4 Viver bem a longevidade

A longevidade, além das implicações pessoais, físicas, fisiológicas, traz mudanças nos papéis sociais a serem desempenhados pelo idoso. (Skinner e Vaughan) (1985), descrevem, de forma simples, mas precisa, como é necessário programar o próprio ambiente de forma a viver bem a velhice. Entre outros assuntos, dizem que a velhice deve ser encarada como um problema a ser resolvido, e não como um fardo inevitável.

Quanto à solidão e ao tédio, caso não possam ser resolvidos, podem, pelo menos, ser atenuados, pois, para o tédio, o retorno aos velhos projetos, como colecionar algo, tocar um instrumento ou, se as habilidades não mais o permitirem, aprender um novo hábito sem receio de que não irá conseguir, é sempre bom. A solidão, o idoso poderá resolver buscando companhias em reuniões e grupos de como a alguns anos atrás.

Viver bem a velhice não tem uma receita, mas se pode fazer uma comparação com um palco cujo ator principal é o velho e que, para desempenhar bem o seu papel, são necessários alguns ingredientes como dignidade, tranquilidade e sabedoria.

A dignidade está em adequar-se a essa nova condição sem perder o elo de ligação



com o mundo a sua volta; a tranqüilidade está no uso do tempo que (agora é enorme,) sendo necessário organizá-lo em favor próprio para poder continuar a fazer coisas que dêem prazer, dentro das suas possibilidades; e a sabedoria, conquanto difícil de alcançar, é a mais valiosa companheira, pois viver dessa forma implica em conjugar dignidade e tranqüilidade de modo inteligente, de maneira que as pessoas sintam prazer em chegar ao idoso como que em busca dessa receita de como viver bem a velhice.

## 2.5 A Religiosidade e o Suporte Social

Segundo Neri (1995, p.56), a religiosidade é tema bastante pesquisado pelos teóricos do desenvolvimento e psicólogos, que afirmam que no envelhecimento ocorre um aumento da religiosidade. Remonta à Antiguidade essa preocupação através do cuidado com os mortos e pelas pinturas e obras de artes encontradas nas cavernas.

Geralmente, o desenvolvimento da religiosidade se dá em estágios que tem início na infância, com a aceitação literal das crenças existentes no ambiente da criança. Com o desenvolvimento posterior, a crença religiosa passa também por momentos de dúvida e incredibilidade, e, finalmente, a fé madura reafirma-se ou mesmo pode, nessa fase, acontecer a descrença, em vista da permanência de dúvidas religiosas.

Kohlberg e Power (1981 apud Neri 1995, p.94-96) fazem um paralelo entre o pensamento moral e o pensamento religioso enumerando sete estágios em que, no início, se dá a obediência para evitar punição, e, aos poucos, o indivíduo vai se guiando através de princípios nos quais estão presentes expectativas pessoais, de outros e da própria sociedade. Por fim, ele pode atingir, no último estágio, um nível de maturidade moral que lhe permite uma solução madura para o significado da vida e de si próprio, e nesse instante - essa condição é mais do que moral - ela é uma questão ontológica ou religiosa.

### 3 ASPECTOS SOCIAIS E EDUCACIONAIS NA TERCEIRA IDADE

#### 3.1 Velhice Bem Sucedida e Educação

O envelhecimento implica crescente exposição a um grande número de desafios associados às mudanças biológicas, psicológicas e sociais típicas desse processo, e que podem representar risco ou ameaça à manutenção dos níveis habituais de funcionamento. Os adultos maduros e idosos têm que lidar com crenças sociais e estereótipo da velhice, que geralmente supervalorizam as perdas, as incapacidades, as restrições e o declínio, sem considerar a possibilidade de ocorrência de ganhos evolutivos e compensatórios.

Segundo Neri (1997, p.45): “À medida que aumentam os conhecimentos sobre as condições motivacionais e de personalidade, associadas ao envelhecer bem, ganha realce na literatura psico-gerontológica o conceito de envelhecimento bem sucedido.”

Embora ainda não se tenha chegado a uma definição final sobre envelhecimento bem sucedido, há um consenso entre os teóricos de que o termo possa ser definido como um nível relativamente alto de saúde física, funcionamento social e bem-estar psicológico, que são relacionados à competência adaptativa.

Um conceito de velhice bem sucedida inclui a noção de que o requisito fundamental para uma boa velhice é a preservação do potencial para o desenvolvimento do indivíduo. Um envelhecimento satisfatório está relacionado a uma boa qualidade no transcurso de vida de um indivíduo, o que significa que o conceito não se restringe à velhice, mas considera a influência histórica de fatores sócio-culturais e individuais. Envelhecer bem depende do equilíbrio entre as limitações e as potencialidades do indivíduo, que o levará a lidar, com diferentes graus de eficácia, com as perdas ocorridas com o envelhecimento.

O envelhecimento bem sucedido não pode ser visto como um conjunto único de condições, ou como uma única trajetória de envelhecimento, mas como um processo geral de adaptação. O indivíduo idoso seleciona e se concentra naqueles domínios que são altamente prioritários, e que envolvem a convergência das demandas ambientais e da capacidade biológica, das habilidades e das motivações individuais. A discussão sobre envelhecimento bem sucedido converge para a busca de fatores e condições que ajudem o entendimento dos potenciais do idoso e, se necessário, a identificação das maneiras de modificar a atual natureza do envelhecimento.

De acordo com Neri (1993), a identificação das condições que permitem envelhecer bem, com boa qualidade de vida e senso pessoal de bem-estar, é tarefa de várias disciplinas no âmbito das ciências sociais, e permite intervenções mais adequadas para promoção do bem-estar do idoso, como também melhor compreensão do desenvolvimento ao longo da vida. Destaca:

Velhice bem-sucedida é uma condição individual e grupal de bem-estar físico e social, tendo como referência os ideais da sociedade, as condições e os valores existentes no ambiente em que o indivíduo envelhece, e as circunstâncias de sua história pessoal e de seu grupo etário (NERI, 1993, p.46).

Envelhecer bem depende das oportunidades do indivíduo quanto a usufruir condições adequadas de educação, urbanização, habitação, saúde e trabalho durante todo o seu curso de vida. Esses são elementos básicos à determinação da saúde (tanto a real como a percebida); da longevidade; da atividade; da satisfação; da produtividade; da capacidade cognitiva e da competência social; da capacidade de buscar e manter contato e suporte social, com familiares e amigos; das capacidades de auto-regulação da personalidade; do nível de motivação individual para a busca de informação e para interação social, sendo todos estes indicadores de uma velhice bem sucedida.

É possível concluir que um envelhecimento bem sucedido depende de um

conjunto de fatores. Por exemplo: o fator de ordem econômica é fundamental para promover saúde e educação ao longo do curso de vida. Lembra-se que a promoção de uma melhor qualidade de vida através da educação favorece o seu desenvolvimento e suas adaptações sociais.

De acordo com Pereira (1980):

Os programas educacionais para idosos funcionam como instrumento para prolongar, até a terceira idade, o processo de socialização que se inicia na infância, atravessa a adolescência, atinge a idade adulta e a velhice. A pessoa idosa continua a ser considerada como objeto, sujeito e agente da socialização - próprio e do outro. Se na infância e adolescência, a atualização dos valores e normas ocorre especialmente através da escola, na Terceira Idade a educação é concebida como oportunidade de atualização, aquisição de conhecimentos e participação em atividades culturais, sociais, políticas e de lazer. Por outro lado, o idoso será considerado mais como agente do que como objeto da ação educativa (PEREIRA, 1980, p. 9).

Um dos objetivos da educação é propiciar aos adultos maduros e idosos oportunidade de crescimento pessoal, através do aprendizado de novos conhecimentos e ocupação do tempo livre, trazendo benefícios para o seu bem-estar físico e emocional, sua qualidade de vida e oferecendo oportunidades de contatos sociais. A educação para adultos maduros e idosos pode atuar na eliminação do analfabetismo e desenvolver habilidades para resolver problemas atuais, prevenindo futuros.

Faz-se possível retratar posições ou atitudes básicas que os educadores assumem quanto à educação para idosos. Essas posições, ou atitudes básicas correspondem a diferentes programas contemporâneos de educação para idoso:

1. Rejeição: esta posição percebe os idosos como dispendiosos dentro da sociedade tecnológica. A sociedade tenta isolá-los, pois são vistos como improdutivos e torna-se impróprio despender recursos econômicos para educá-los. Obviamente, esta perspectiva é rejeitada pela gerontologia atual;

2. Oferta de Serviços Sociais: baseada na convicção de que os problemas do idoso

devem ser resolvidos através de mudanças na política pública, esta posição defende a implantação de serviços sociais, financiados pelo governo, direcionados aos idosos. Os programas educacionais, inseridos nestes serviços, devem solucionar questões como o analfabetismo e auxiliar o desenvolvimento de estratégias referentes ao enfrentamento dos problemas típicos da idade;

3. Participação: segundo esta orientação, o idoso deve participar ativamente na sociedade em que está inserido, contribuindo com seus conhecimentos acumulados ao longo da vida. Neste sentido, a educação é dirigida à tentativa de desenvolver novos papéis para o idoso, preservando sua dignidade. Os programas educacionais incentivam e preparam o indivíduo para a participação de atividades sociais, propiciando melhor qualidade de vida para si mesmo e seus companheiros da mesma faixa etária. A educação é, assim, uma forma de resgatar a cidadania do idoso;

4. Auto-atualização: esta categoria enfatiza o desenvolvimento psicológico e espiritual como importante resultado de programas educacionais. A educação para os idosos traz a possibilidade de integrar as experiências e os conhecimentos acumulados através do curso de vida, embora as questões relativas à espiritualidade e ao significado de vida sejam tópicos difíceis de serem contemplados em currículos usuais.

Na realidade, a maioria dos programas de educação dirigida a idosos constitui numa combinação dessas quatro posições. O impacto da educação sobre a qualidade de vida dos idosos, em suas várias modalidades, tem sido demonstrado por vários estudos.

Os programas educacionais direcionados aos idosos propiciam benefícios em sua vida diária, promovem o bem-estar, reavivam fatores motivadores para a aprendizagem, que estavam escondidos desde a juventude, e contribuem para a aquisição de novas habilidades cognitivas em atividades práticas; a educação funciona como um espaço terapêutico para os idosos.

Estudos como os de Manheimer & Snodgrass (*apud* Neri, 1993), que analisam pesquisas desenvolvidas pela *University of North Carolina*, em *Asheville*, tendo como sujeitos grupos de aposentados, demonstram que programas educacionais para pessoas da terceira idade contribuem para o crescimento pessoal, proporcionam oportunidades de trabalhos na comunidade, favorecem o desenvolvimento da criatividade e da produtividade, criam espaços de socialização e aquisição de novos conhecimentos e podem contribuir com novas concepções e atitudes favoráveis em relação à velhice.

Por tudo isso, já existem numerosas evidências empíricas e de pesquisa de que a participação em iniciativas educacionais tem relação com a implementação da atividade, da satisfação, da saúde percebida e das habilidades cognitivas entre os participantes; todos estes elementos são indicadores de um envelhecimento bem sucedido.

São oferecidos alguns motivos para que os planejadores de políticas sociais e educacionais, e os idosos em particular, reconheçam a importância da educação. São seguintes os argumentos:

1. A educação pode ajudar os adultos maduros e idosos a terem mais autoconfiança e independência, reduzindo as possibilidades de dependerem de recursos públicos e privados;
2. A educação é primordial na capacitação dos idosos, ao lidarem com os inumeráveis problemas práticos e psicológicos em um mundo complexo, fragmentado e em mudanças;
3. A educação para e pelo idoso intensifica sua atuação e contribuição para a sociedade;
4. A possibilidade de aumentar o auto-conhecimento, compreender-se melhor e comunicar as próprias experiências às outras gerações favorece o equilíbrio, as perspectivas pessoais e de mundo, qualidades valiosas em um mundo em mudança;
5. A educação é crucial para muitos idosos motivados para a aprendizagem e a comunicação (Swindell e Thompson *apud* CACHIONE, 2002, p.54).

A importante contribuição da educação pode servir para uma possível diminuição da dependência da população idosa pela previdência e dos benefícios sobre a saúde e o bem-estar.

A oferta de oportunidades educacionais a adultos maduros e idosos é amplamente

justificada pela natureza potencializadora da educação e pelo seu potencial compensatório. Além disso, a participação em atividades educacionais pode favorecer ao aumento da atividade, do envolvimento social, do engajamento, do senso de auto-eficácia e do bem-estar subjetivo dos idosos.

### 3.2 Gerontologia, Educação e Interdisciplinaridade

Na educação, a interdisciplinaridade aparece como um princípio de reorganização das estruturas pedagógicas, exigindo que ocorra interação entre as disciplinas, no que tange à comunicação das idéias e à integração mútua dos conceitos e da epistemologia, tendo como objetivo a unidade do saber. A interdisciplinaridade em educação é ainda uma tarefa inacabada, mas antes algo pressentido, desejado, buscado e ainda não atingido cabalmente por pensadores, pesquisadores, educadores, profissionais e especialistas dos vários campos do pensamento e ação.

De acordo com Cachione (2002):

A Gerontologia Educacional postula a idéia de que os adultos, depois da meia-idade, podem aprender, sendo capazes de administrar suas vidas competentemente, e continuar trazendo contribuições significantes e produtivas às suas comunidades. Sob uma perspectiva de curso de vida, o ensino na velhice e os programas educacionais são essenciais para bem-estar social e físico e para o desenvolvimento pessoal ( CACHIONE, 2002, p. 21).

Um enfoque interdisciplinar pode possibilitar identificação entre o vivido e o estudado. É meio privilegiado de promover formação profissional, já que permite a abertura a novos campos do conhecimento e a novas descobertas.

A interdisciplinaridade deve ser a base da educação permanente, fundamento ideal da educação dirigida aos idosos. Esta deve considerá-los como donos de uma história pessoal e de uma bagagem de conhecimentos constituída ao longo dos anos, a qual não deve ser

preterida em favor de conteúdos formatados pela universidade, mas aproveitada e potencializada por ela. A nenhum sujeito da educação se aplica tão bem quanto aos idosos a noção de que o ser humano é agente do seu próprio crescimento e da transformação da realidade.

Para que possa ajudar os idosos a realizar essa vocação, a educação formal deve centrar-se num processo permanente de busca de novas vias de aprendizagem e de novos espaços educativos, de preferência diferentes dos da escola tradicional. Modificar objetivos, conteúdos e métodos de acordo com as necessidades dos idosos e da sociedade que envelhece deve ser a proposta da educação dirigida a idosos, inserida numa perspectiva de educação permanente.

A formação de recursos humanos em gerontologia, incluindo a formação de professores de idosos, é de fundamental importância social. A velhice e o envelhecimento são tópicos que comportam e necessitam de atuação educacional de longo prazo, para que se possa promover mudanças culturais nas concepções sociais vigentes sobre velhice, sobre as possibilidades de desenvolvimento nessa fase da vida e sobre o potencial cultural inerente a esse segmento da população.

É nesse contexto que se encaixa a gerontologia educacional: campo interdisciplinar que se desenvolve no rastro da evolução da educação de idosos, da formação de recursos humanos para lidar com a velhice e na mudança das perspectivas das sociedades em relação aos idosos e ao envelhecimento.

A Educação Permanente é vista como fundamental para a adaptação do idoso, que necessita acompanhar o acelerado processo de mudanças sociais e tecnológicas que vêm ocorrendo no mundo. O idoso que, ainda em idade avançada, se mantém envolvido em atividades educacionais demonstra níveis mais altos de satisfação e bem-estar físico e mental.



### 3.3 Gerontologia Educacional

Segundo Cachione (1998, p.45), o termo gerontologia educacional foi usado pela primeira vez em 1970, na Universidade de Michigan, por David Peterson, no contexto de um curso de doutorado em gerontologia. Em 1976, esse teórico definiu-a como a área responsável pelo estudo e pela prática das tarefas de ensino orientadas a pessoas envelhecidas e em processo de envelhecimento. Em 1980, o mesmo autor refez sua definição, acrescentando que a gerontologia educacional é a tentativa de aplicar o que se conhece sobre a educação e o envelhecimento em benefício da melhoria da vida dos idosos. Ele faz tríplice classificação dos conteúdos da gerontologia educacional:

1) Educação para os idosos: são programas educacionais voltados a atender às necessidades da população idosa, considerando as características desse grupo etário.

2) Educação para a população: em geral, sobre a velhice e os idosos, são programas educacionais que possibilitam à população mais jovem rever seus conceitos sobre a velhice e aos idosos rever o seu próprio processo de envelhecimento.

3) Formação de recursos humanos para o trabalho com os idosos: ocorre através da capacitação técnica de profissionais e da formação de pesquisadores.

As categorias da gerontologia educacional do modelo de Peterson desenvolveram-se nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Canadá, com adaptações locais. Basicamente, os trabalhos nessas áreas voltaram-se para dois focos. Um foi relativo ao levantamento das necessidades dos idosos e ao estabelecimento de como a educação poderia contribuir para melhorar a sua qualidade de vida. O outro foi saber como atuar em termos de método e conteúdos para formar profissionais e voluntários para proporcionar educação a idosos.

De acordo com Sobral (2001),

(...) a gerontologia crítica está preocupada com o problema da emancipação das pessoas mais velhas e com todas as formas de dominação. Uma perspectiva crítica elucida até que ponto os idosos inseridos em qualquer contexto podem ser oprimidos pela falta de voz e por não participar dos processos de tomada de decisão (SOBRAL, 2001, p. 1).

Uma nova gerontologia educacional crítica e sua prática – a gerontologia crítica – são propostas como uma alternativa que promove a tomada de consciência por parte dos próprios idosos sobre seus direitos, sua qualidade de vida, suas formas de auto-realização e o papel social que podem realizar.

Cachione (1998) destaca:

Enquanto a gerontologia educacional se apresenta como uma especialidade da gerontologia, a gerontagogia é situada por Lemieux como disciplina das ciências da educação. Cada uma delas defende enfoques e espaços científicos distintos. A gerontologia educacional parte da aceitação de que é procedente a existência de uma disciplina – a gerontologia, que tem como objetos de estudo os idosos e os fatores relacionados ao envelhecimento. Ainda, já vimos que Peterson e depois Glendenning situam tanto a teoria como a prática da educação da terceira idade na esfera gerontológica. O fato de ser velho é o que marca desde o princípio o processo educativo (CACHIONE, 1998, p. 52).

A gerontagogia é vista assim como uma ciência social, e por isso, estaria voltada mais para a questão do ensino/aprendizagem do que para o fato dos educandos serem idosos.

Outros estudiosos partidários da gerontagogia entendem que essa ciência não deve ficar somente atrelada a gerontologia, mas deve ser uma combinação de distintas especialidades como a psicologia, a filosofia, a antropologia, a história, a sociologia e a economia, entre outras, que poderão ajudar no momento em que for necessário decidir sobre o quê, o como e o para quê da educação às pessoas idosas.

De acordo com Quintana (*apud* Cachione, 2002):

Na proposta gerontagógica, o docente é chamado de animador sociocultural ou de educador social. É visto como um agente de apoio que estimula a iniciativa grupal; uma pessoa que conecta os indivíduos no seu ambiente e provoca neles atividades de

→ O ato de trabalhar com pessoas com propostas sapienciais associa a maturidade

pesquisa, análise, criatividade, reflexão e organização social. Busca que aflorem os conflitos e se tomem posturas críticas na solução dos mesmos. Promove a participação cidadã e coordena a produção social comunitária. É precisamente dessa postura, que insiste na busca, descobrimento e exposição das causas das desigualdades individuais e sociais, que se pode caracterizar o trabalho do animador como um educador social (QUINTANA apud CACHIONE, 2002, p.56).

Professores, educadores, gerontagogos e animadores socioculturais: não importa o nome; o fato é que a educação de idosos está a exigir cada vez mais a formação especializada de profissionais para o cumprimento de papéis e tarefas específicas junto à clientela idosa que cresce e ganha visibilidade e poder social em muitos países, inclusive no Brasil. Aqui, essa modalidade de atuação junto aos idosos ocorre principalmente nas Universidades da Terceira Idade e já começa a chamar a atenção à necessidade de formar pessoal para atender esse segmento. É interessante conhecer a experiência de outros países nesse particular e confrontá-la com a brasileira.

Sobral (2001) salienta que:

(...) uma educação em terceira idade pelo viés da gerontologia crítica está preocupada em desvelar as forças que promovem a desigualdade na vida dessas pessoas, identificando e explorando possibilidades para mudanças e criando condições para que os idosos possam continuar a desenvolver e prosperar durante as fases finais da vida. A busca da educação emancipadora é um caminho para fazer acontecer e, dessa maneira, esse trabalho fornece subsídios para uma reflexão em Educação Gerontológica (SOBRAL, 2001, p. 2).

O que se pretende da Educação Gerontológica segundo Sobral (2001) é desvelar/revelar, a partir da trama de significados do universo simbólico desses alunos da terceira idade, o que faz, o que necessita, o que deseja, que imagem tem de si, dos outros e do mundo, além de:

- problematizar o conhecimento e o reconhecimento da sua realidade;
- um suposto descompromisso com o devir;
- discutir a geografia existencial do cotidiano;
- argumentar sobre a destinação antropológica do ser que envelhece;

- refletir sobre fatos e situações problemáticas do cotidiano;
- perceber a si e a seu grupo de pertinência como potenciais;
- gerar novas interpretações dos fatos conhecidos; ←
- refletir sobre o relacionamento com as pessoas próximas; trabalho obrigatório;

valor da vizinhança; tempo liberado e o cotidiano como cultural e educativo.

A educação permanente, nos dias atuais, não significa apenas uma necessidade de renovação cultural, mas também, e sobretudo, uma exigência nova, de autonomia dinâmica dos indivíduos numa sociedade em rápida transformação. Tendo perdido muitas das referências que lhes fornecia a tradição, as pessoas adultas e idosas precisam recorrer, constantemente, aos seus conhecimentos e capacidades de discernimento para poderem orientar-se, pensar e agir.

Todas as ocasiões, todos os campos da atividade humana devem contribuir para tal, a fim de fazer coincidir a realização pessoal com a participação na vida em sociedade. Deste modo, a educação torna-se uma dimensão da própria vida.

A Educação Permanente é um princípio pedagógico por meio do qual se indica que o processo educativo é contínuo, ao longo da vida dos indivíduos e em todas suas circunstâncias; supõe ações constantes de capacitação, atualização e aperfeiçoamento.

### **3.4 Universidade Aberta à Terceira Idade**

A Universidade é vista por alguns especialistas como a instituição que poderia cumprir parcialmente essa função. É a mais equipada para responder às necessidades do grupo etário dos idosos, proporcionando-lhes oportunidades de buscar melhor a qualidade de vida.

Para Veras (2002), a estruturação de microuiversidades temáticas onde os idosos

podem receber assistência médica, jurídica e social, receber ensino em vários campos do saber e desenvolver atividades culturais pode ser um ponto de partida para vencer os desafios impostos aos idosos pela idade e pela sociedade.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) preconiza o início da terceira idade aos 65 anos para países desenvolvidos e 60 anos para os em desenvolvimento, mas as Universidades Abertas à Terceira Idade no Brasil são destinadas a pessoas com mais de 45 ou 50 anos que buscam atualização, aquisição de conhecimentos e participação em atividades culturais, sociais e que, acima de tudo, se recusam a parar de aprender.

De um modo geral, essas instituições oferecem à população a prática de atividades que possibilitam e estimulam a sua participação social e política, a fim de assumam conscientemente o processo de envelhecimento (JUNQUEIRA, 1998). Incentivam ainda a ação nas diferentes áreas: produção artística, musical e cultural, teatro, artes plásticas, além de passeios, excursões, visitas a museus e outros espaços culturais.

Jordão Neto (1997) aponta a Universidade Aberta à Terceira Idade, como:

(...) um resgate efetivo da possibilidade de centenas de pessoas de retomarem ou iniciarem seus estudos, de reciclarem seus conhecimentos, de atualizarem suas informações, de participarem de atividades sócio-culturais e educativas, dentro de uma extraordinária proposta pedagógica que privilegia o prazer de aprender de uma forma livre, espontânea (JORDÃO NETTO, 1997, p. 214).

É recente a preocupação da Universidade em construir projetos educacionais que incluam os idosos, embora experiências neste sentido venham sendo desenvolvidas, há tempos, na Europa. (JUNQUEIRA, 1998).

As Universidades Abertas à Terceira Idade constituem hoje uma nova opção de participação do idoso, possibilitando-lhe a satisfação de muitas de suas necessidades, ao promover a integração entre as gerações ou a divulgação da experiência de vida dos alunos, favorecendo condições de convivência social e formação de novos grupos e associações.

Apesar de estes objetivos estarem claro<sup>o</sup> correspondem às expectativas dos integrantes da terceira idade que neles se inscrevem. E será que as instituições estão conscientes de quem são, o que sentem e o que buscam esses integrantes?

Santos & Sá (2000) chamam a atenção para o processo de envelhecimento, uma vez que se trata de uma experiência heterogênea, determinada pela forma como cada um organiza sua vida, sendo influenciado por acontecimento históricos e culturais. Ressaltam:

Dessa forma, dependendo da região onde viveram, dos acontecimentos que viveram e das condições de habitação, trabalho, educação, saúde e lazer a que foram submetidas durante suas vidas, as pessoas serão várias, e diferenciadas as características das velhices (SANTOS & SA, 2000, p.98).

Não existe velhice, mas maneiras singulares de envelhecer; a velhice é diversificada, em função de gênero, classe, etnia, religião...

Ao refletir sobre esta população, as instituições podem retornar a uma série<sup>o</sup> e necessária reflexão sobre as ações benéficas, os meios para obtê-las, os efeitos e objetivos, com a finalidade de corresponder às expectativas de seus participantes e de favorecer a aplicação por outras instituições.

Percebe-se que as Universidades da Terceira Idade, por serem projetos pioneiros em nosso país, estão se estruturando, na tentativa de se organizarem frente a esses novos desafios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente estudo, pode-se concluir que a Educação na Terceira Idade tem contribuído positivamente para as concepções sobre envelhecimento bem sucedido. Suas expectativas com relação aos programas existentes de acordo com o estudo são satisfatórias, seus efeitos têm lhes parecido benéficos ao bem-estar subjetivo e à auto-imagem e, também, têm lhes propiciado oportunidade para discussão do fenômeno velhice.

Existe grande diversidade nas propostas de estruturação dos programas de Educação na Terceira Idade, uma vez que cada instituição toma suas próprias decisões sobre objetivos, conteúdos, estrutura curricular, atividades, professores, atuando exclusivamente a partir de seus recursos humanos e materiais e de sua ideologia sobre velhice e sobre educação, na meia-idade e na velhice.

A criação de novos espaços para a educação gerontológica, na Universidade e fora dela, vem contribuindo para a criação de uma nova consciência sobre as necessidades dos idosos e sobre a importância de sua participação na sociedade.

A educação também contribui para a disseminação de uma nova ideologia sobre velhice, que enfatiza as possibilidades de desenvolvimento nessa etapa da vida.

Seria interessante que se multiplicassem as iniciativas de reflexão e análise sobre as práticas e as filosofias educativas nessa área, bem como a pesquisa sobre as características dessa população. Já que as velhas concepções de velhice estão mudando graças, em parte, aos programas educacionais voltados aos adultos maduros e idosos, é preciso investigar as características destes grupos etários e os efeitos desses programas.

Para futuras investigações realizadas sobre a Educação na Terceira Idade sugere-se possíveis temas, focalizando aspectos ainda não abordados na pesquisa brasileira, como por

exemplo: pesquisas sobre variáveis cognitivas (inteligência cristalizada), sociais (rede de relações) e afetivas (senso de controle e de auto-eficácia, metas de vida); pesquisas longitudinais; pesquisas comparativas entre diferentes modalidades de programas e diferentes clientela; pesquisas de acompanhamento sobre os efeitos de longo prazo de participação; pesquisas com o corpo docente sobre suas características, formação na área gerontológica, suas crenças em relação à velhice, possíveis ganhos pessoais e profissionais de ser docente em uma Universidade da Terceira Idade, ...

À guisa de conclusão, é importante salientar a grande força atrativa das Universidades da Terceira Idade, baseadas na valorização do idoso e celebração da velhice, comprovada pelo grande número de freqüentadores e forte atratividade social. Esta adesão aos valores propagados pelo programa vem mostrar que, para os alunos adultos maduros e idosos que a procuram, vivenciar a experiência de envelhecimento como um momento privilegiado da vida também é coisa que se aprende na escola.

Espera-se que todos os idosos consigam refletir acerca do envelhecimento com alegria e prazer. É também de grande importância que as políticas públicas encontrem maneiras para ampliação desta atividade, de modo a contemplar a faixa etária, possibilitando que todos usufruam a maturidade, a sabedoria, as vivências e valorizem o exercício do aprender e crescer, ou seja, tenham vida plena.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Mário; BARBIERI, Jeverson. **Brasil é Hoje um País de Meia Idade**. Disponível: [http://www.techway.com.br/techway/revista\\_idoso/economia/economia\\_Mario.htm](http://www.techway.com.br/techway/revista_idoso/economia/economia_Mario.htm). Acesso em: 10/10/2005.

BERQUÓ, E. **Considerações sobre o envelhecimento da população do Brasil**. In: NERI, A.L.; DBERT, G.G. (Org). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1999. p.11-40.

BUARQUE,C.; **Qualidade de vida: a modernização da utopia**. *Revista Lua Nova*, 31: 157-165. 1993.

CACHIONE, Meire. **Envelhecimento bem-sucedido e participação numa Universidade para a Terceira Idade: A experiência dos alunos da Universidade São Francisco / Meire Cachioni**. - Campinas, SP: [s.n.], 1998.

CACHIONE, Meire. **Formação profissional, motivos e crenças relativas à velhice e ao desenvolvimento pessoal entre professores de Universidades da Terceira Idade**. Campinas, SP: [s.n.], 2002.

CARBONE, Adriana. **Tinha um idoso no meio do caminho**. *Viver*. São Paulo: Segmento, v.7, n.82, p.28-30, nov.1999.

CARVALHO FILHO, E. T. Prefácio. In: PAPALÉU NETTO, M. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 2002.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Repensando o envelhecer: entre o mito e a razão**. *A Terceira Idade*. São Paulo: Sesc, v.10, n.13, p.7-28, abr. 1998.

DEBERT, G.G. **Gênero e envelhecimento**. *Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1994

FREIRE, Sueli Aparecida. **Bem estar subjetivo e metas de vida: um estudo transversal com Homens e mulheres pertencentes a três faixas de idade**. Campinas: SP, 2001.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

HERNANDES, Vitória Kachar. **A terceira idade e o computador: interação e transformações significativas.** A Terceira Idade, São Paulo: Sesc, v.11, n.19, p.5-21, abr. 2000.

JORDÃO NETO, A.J. **Universidade Aberta para a Terceira Idade: uma avaliação crítica.** O mundo da saúde: São Paulo, v.21, n.4, p.213-217, jul/ago. 1997.

JUNQUEIRA, E.D.S. **Velho. E, porque não?** Bauru: EDUSC, 1998

LOPES, Ruth da Costa. **Oficinas de orientação e revisão do projeto de vida. A Terceira Idade.** São Paulo: Sesc, v.10, n.15, p.28-32, dez.1998.

MOREIRA, Morvan de Mello. **Determinantes Demográficos do Envelhecimento Brasileiro.** Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/docs/text/pop2001-1.doc>. Acesso em: 10/10/2005.

MOTTA, Alda Britto. **Chegando pra idade.** IN: BARROS, Myriam M. L. (Org). **Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política,** Rio de Janeiro, FGV, 1998.

NERI, A. L. **Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa.** In A L. Neri (org.). **Qualidade de Vida e Idade Madura.** Campinas: Papyrus, 1993.

\_\_\_\_\_. **Psicologia do envelhecimento: temas selecionados na perspectiva de curso de vida.** Campinas: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Qualidade de Vida e Educação.** Núcleo de Estudos Avançados em Psicologia do Envelhecimento. FE: UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. **Palavras-chave em Gerontologia.** Campinas, SP: Alínea, 2001.

NERI, A. L., CACHIONI, M. **Velhice bem-sucedida e educação.** In: NERI, A. L., DEBERT, G. G. (orgs.) **Velhice e sociedade.** Campinas, SP: Papyrus, pp.113-140, 1999.

PASCOAL, S.M.P. **Epidemiologia do Envelhecimento.** In: PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada.** São Paulo: Atheneu, 2002.

PEREIRA, J. V. Educação para a participação. **Cadernos da Terceira Idade**. 6:9-12, SESC, São Paulo, 1980.

PEREIRA, S.R.M. Fisiologia do envelhecimento. **Revista Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, v.0, n.0, p.187-220, 1996.

PESSOA, Áurea Barbosa. **Aposentadoria e depressão: um estudo sobre a Terceira Idade**. Manaus: Centro Universitário Luterano de Manaus (CEULM/ULBRA), 2005.

SANTOS, A. T.; SÁ, M.A.S. **De volta às aulas: ensino aprendizagem na terceira idade**. In: NERI, A.L. E por falar em boa velhice. Campinas: Papirus, 2000. cap.6, p.91-100.

SKINNER, B.F.; VAUGHAN, M.E. **Viva bem a velhice: aprendendo a programar a sua vida**. Tradução de Anita I. Néri. São Paulo: Summus, 1985.

SILVA, M.A. **Velhos de rua no Brasil: a morte silenciosa**. A terceira Idade. São Paulo, n.12, p.35-43, out. 1996.

SOBRAL, Benigno. **O trabalho educativo na terceira idade: uma incursão teórico-metodológica**. Textos Envelhecimento. V.3 n.5. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: [www.unati.uerj.br/tse/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-59282001000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.unati.uerj.br/tse/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-59282001000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 10/10/2005.

TEIXEIRA, Mirna Barros. **Empoderamento de Idosos em Grupos Direcionados à Promoção da Saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, ENSP, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, 2002.

TESSARI, Olga Inês. **Qualidade de vida na Terceira Idade**. Disponível em: <http://www.riotal.com.br/feliz-idade/psicologia04.htm>. Acesso em: 10/10/2005.

VERAS, R. P. **Terceira Idade: desafios para o terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

\_\_\_\_\_. **Atenção preventiva ao idoso: uma abordagem de saúde coletiva**. In PAPALÉO NETTO, M. Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 2002.



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : Viviane Machado Santos Pereira da Costa

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : Educação: forte aliada de um envelhecimento bem sucedido

ORIENTADOR : Professor Gul. Brasil P. Rodrigues

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado:

Antônia Lincano

Nota : 9,0

Considerações:

As reflexões elaboradas por Viviane se misturam para defender propostas educativas que favoreçam cidadãos/cidadãs a disputarem um envelhecimento bem sucedido.

O seu tema é relevante especialmente porque a educação tem sido tímida no que se refere aos que estão na terceira idade. Nesse sentido o trabalho poderia aprofundar as questões relacionadas com a gerontologia.

Antônio Pinheiro

Segundo avaliador :

Professor orientador : Sul Brasil Pinto Rodrigues

Nota: 9,0 (nove)

Considerações:

A proposta de relação entre Terceira Idade e Educação da Viviane foi bem formulada e com muita boa apresentação em sua monografia de conclusão do curso.

É um problema recente e parece se ampliar

SBR Rodrigues

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Terceiro avaliador :  
Professor da disciplina Monografia II: Lúcio Cláudio Coelho  
Nota : 9,0 (nove)

Considerações:  
O trabalho apresenta formatação correta com a ABNT (ver página 2 do apuseunto). No entanto, a Introdução faltam elementos essenciais como o problema, as questões e a classificação do objeto de est.

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
9	9	9	27	9,0

Rio de Janeiro, 06/02/2006

VIVIANE MACHADO SANTOS PEREIRA DA COSTA

**EDUCAÇÃO: FORTE ALIADA DE UM ENVELHECIMENTO BEM SUCEDIDO**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. (Nome do professor) – Orientador

---

Prof. (Nome do professor/a)

---

Prof. (Nome do professor/a)

Rio de Janeiro  
2005

QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES

Mês Agosto

Dia	17/8/2005	24/8/2005	31/8/2005	AS
Observações	Início			
Professor	WTR	WTR	WTR	
Aluno	Virgínia Costa	Virgínia Costa		

Mês OUTUBRO

Dia	05/10/2005	26/10/2005		
Observações	Produção e entrega o copião	Formatação e entrega		
Professor	WTR	WTR		
Aluno	Virgínia M. G. P. da Costa	Virgínia M. G. P. da Costa		

Mês Novembro

Dia				
Observações				
Professor				
Aluno				

Mês DEZEMBRO

Dia	07/12/2005			
Observações	Entrega final			
Professor	WTR			
Aluno	Virgínia M. G. P. da Costa			